

## Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. A publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

## Alor dos acassos ucionários

ERTO FREYRE

de considerar-se o nento do Brasil tes por estas ooluções específicas entre nós — do que cesso de mudança de dias remotos — tência pré-nacional — permite-nos s movimentos res fracassos imociológica — gran-guns deles têm real-

cia do historiador l é esquecer os os triunfos que as-existência de umerdade sociológica i de que nem só de uma nação ou uma umana: vive tam-acassos por ela so-perimentados.

o pode apurar, numa ou virtudes que, enas de triunfos não seriam aper-desenvolvidos. Um evolucionário pode ue um triunfo tam-ucionário. Pode-se amado tenentismo, ssão de ânimo re-no nosso País, que ou tão valiosamente, vista brasileiro, no triunfante de 30 — m grande parte, do denominados “te-go envolvidos e por astutos opor-como nos fracassos 24. A marcha da tes, resultando em volucionário, cons-ia demonstração da brasileira para itarmente, de Sul a veis obstáculos ser-ossíveis novos Ca-midade e ao desen-nacionais. Juntou-o saber dos seus lí-rido nas escolas e líderes como João rdeiro de Farias — ia alcançada por seus comandados, e áspero esforço, ssado. Fracassado antagem do Brasil lesvantagem.

asso revolucionário e valeu tanto quan-o, pelo que nele foi le positivo proveito envolvimento na-sil, foi o represen-onfidência Mineira. o, o malogro da Pernambucana de m os dois mais do

Pois triunfante só erais a Inconfidên-o aquele movimen-te, sem movimentos contra o domínio noutras regiões e provável que tais ssem resultado em o da América Por-elhante à que se n virtude de mo-volucionários de al-s regional e até de tista, na América

se poderá dizer de movimentos re-s ocorridos no nosso epois de alcançada a independência nservando-se sa-forma monárquica o movimento, tam-bucano, de 1824, e o iense que passou à to quanto ao fol-a sugestiva deno-Farrapos”.

acassos revolucio-um e outro válidos envolvimento, no e reuniram de vir-s e de aptidões a aplicações em s mais justas. Cons-em expressões im ensaísta norte-qualificou já de ” ou de “passado m passado que — ão ensaísta ilustre apenas de que, na histórica de um histórico triunfo, mas e nela tenha se ex-no derrota. Ou

assos revolucio- m constituindo em e passados parcial-um nacionalmente i modo de ser efe- assado nacional, o rriquecido por ev-olucionárias que, para o desenvol-ileiro visto sob lar-va, no tempo e no ltaram em derro-essas experiências a uma nação roti-aventuras cívicas essem para que a onal assimilasse de escontentes, insur-várias espécies, l, tão úteis, alguns do envolvimento is cultural — cul-sentido sociológico — como os triun- se tornaram orn-acionais. Os que, hoje sob aquela ctiva de espaço e veriam ter sido — os predominan-esse dever ser im-údio a todas as dis-insurgências opo-edomínancias.



Euclides da Cunha (1866/1909), em desenho de Portinari.

## Precisa-se de um Historiador

GERARDO MELLO MOURÃO

E conhecida a resposta de Gide, quando lhe perguntaram qual era o maior poeta da língua francesa: “Hugo, hélas!” Se alguém indagasse qual seria a grande obra de História do Brasil, um monumento nas dimensões de Ranke, Mommsen, Gibbons, Eduard Meyer, Rostosseff ou Macaulay, ou, para não ir muito longe, de Francisco Encina no Chile, ou de Mitre na Argentina, nossa perplexidade seria talvez maior que a de Gide. Em que pese à existência de alguns autores e de alguns trabalhos realmente importantes, o País não viu ainda erguer-se o verdadeiro monumento reclamado por sua biografia nacional. As melhores vocações que tivemos, para estudos históricos, um Capistrano, ou um Rodolfo Garcia, trataram apenas de fragmentos do grande mural. Com grande competência, é certo, que torna esses fragmentos indispensáveis a quem venha a montar o “opus magnum”. Até mesmo os que tentaram um texto inteiro do itinerário do país no tempo somente em trabalhos setoriais do painel maior chegaram, realmente, a uma obra definitiva, como é o caso de alguns textos de Caio Prado Júnior, Américo Jacobina Lacombe, Sérgio Buarque de Holanda, ou dessa admirável biografia do imperador coloco o sr. Pedro Calmon colocou todos os seus talentos e todo o seu amor pela História. Ou ainda e sobretudo, de Ernâni Silva Bruno.

É certo que não faltam textos conspícuos, de ontem e de hoje, à historiografia brasileira, e seria longo enumerá-los aqui. Também não faltam mestres capazes, hoje como ontem. Ai está, por exemplo, ainda agora, o professor Hélio Silva, cujo infatigável trabalho constitui um dos mais limpos e exemplares levantamentos de nosso inventário de povo. Ai está o esforço do senhor Honório Rodrigues, que parece dar “full-time” a seu ofício, com irrepreensível dedicação, mas cujo trabalho, infelizmente, é prejudicado por uma lacuna irremediável: a ausência de uma estrutura cultural abrangente. É uma pena que falte a mestre José Honório a formação humanística, sem a qual não se pode capacitar para o pensamento filosófico. E sem isto, não se pode ser propriamente um historiador. Até porque o historiador, como queria Wilhelm Dilthey, e como aquele Eupalinos de Valéry, precisa saber não apenas as coisas de seu ofício, mas as coisas de todos os outros ramos daquele tipo de saber a que Fichte chamava de “Wissenschaft”. Sem isto, o profissional de estudos históricos ou se contentará com o trabalho ançilar, humilde e generoso da pesquisa, ou se mirrará na pífia e nem sempre intemorata atividade dos fazedores de “papers”, desses “Phdistas” recentemente denunciados nesta mesma coluna por mestre Gilberto Freyre. Aliás, a obra do sábio homem de Pernambuco encerra, neste sentido, uma clara lição: sua “Casa Grande e Senzala”, sem ter um texto de História propriamente dita, transbordando, por isto mesmo, da metodologia histórica ortodoxa, é o maior livro de História jamais escrito sobre uma região brasileira. Este lugar lhe é assegurado, muito menos pela riqueza documental, ao alcance, de resto, de qualquer pesquisador inteligente, do que pela escala e o leque cultural do saber de Gilberto Freyre e pelo toque de lirismo com que ele trata das pessoas, das coisas e dos lugares que formaram o tempo e o espaço de seu espírito e de sua circunstância.

Essa observação, de resto, me foi feita por Oto Maria Carpeaux e, numa singular coincidência, por um dos maiores mestres de História do continente, o professor Mário Gandolfo, do Chile, no debate de que resultou a aprovação de meu modesto nome para a cadeira de História Americana da mais exigente escola superior daquele país. Tanto Mário como Carpeaux apontavam, como sinal de grandeza e de permanência da obra

de Gilberto, o sopro de lirismo que a percorre, para dizer que por isso ela estará sempre viva, enquanto um texto de Varnhagen, por exemplo, estará para sempre morto, como uma ficha de arquivo, com a serventia apenas de uma ficha de arquivo. Nem era outro o entendimento de Malraux, quando sustentava que se conhece mil vezes melhor a história da campanha napoleônica na Rússia, lendo “Guerra e Paz”, de Tolstoi, do que lendo todos os historiadores que escreveram sobre aqueles dias.

Nem pode a História evadir-se de sua vigência lírica, até porque também ela tem, como todo ramo do saber humano, segundo a advertência de Nietzsche, sua própria genealogia: descende do mito, no qual, como queria o próprio Marx, nasce a fonte do rio da história. Quanto a mim, não sou um historiador de ofício — ai de mim! — habitante religioso do mito, de pés fincados em seu chão elementar. Ai está o pai Homero, o intérprete por excelência da História preloana, que diz nos sete primeiros versos imortais da “Iliada”: — Minha história será verdadeira, porque foi vivida. Como Tucídides, dizendo em cinco linhas que sua história é verdadeira, porque a havia previsto. Isto é: o que é mito resplandece à luz da História, e o que é História se funda no chão do mito. Hegel sabia disto, quando criou as três categorias de História: — a original, a reflexiva e a filosófica. No fundo, a “história revelata” e a “história revelans”, lembradas por Jean Guilton: — “História prophética a spirito divino educta. Historia dialectica ab intellectu humano deducta”.

Por ser a História a ciência destinada a contar o homem a si mesmo, como queria Hegel, ela exige todos os conhecimentos ao alcance do saber humano: da teologia à arqueologia e à antropologia, da psicologia à sociologia, da filosofia à lógica. Essencialmente, a História toca a pele e as entranhas de tudo que diz respeito ao homem, de todos os acontecimentos no curso dos quais se manifestou a intervenção do homem, e se marcou sua presença. É uma “cosa nostra”, como queria Croce, uma coisa do homem. Nem é por outra razão que Heidegger coloca na própria escatologia da “Geschichtlichkeit”, a mais dos outros saberes, duas presenças fundamentais: a filosofia e a antropologia.

É como fazer História sem teologia? Comparemos a morte de Sócrates, a morte de Cristo e, para não ir muito longe, a de Antônio Conselheiro. O historiador, que conhece a importância desses três acontecimentos, vai medi-los cada um em seu próprio lugar. A morte de Sócrates, como a de Cristo continuam os tempos de cada homem. A morte do profeta bárbaro de Canudos fixa um elo permanente dos tempos e do sentimento do homem. E aí voltamos ao caso de Gilberto Freyre e de Tolstoi: nenhum historiador escreveu uma História tão eficaz daquele trecho do mundo brasileiro, como a reportagem estupenda de Euclides em “Os Sertões”.

Dizia-me um amigo que a vocação cultural brasileira ainda não pisou todas as zonas do conhecimento humano. Talvez por isso não haja ainda produzido o monumento definitivo de sua História nacional, para a qual não bastam esforços sobre-humanos, como o do mestre José Honório, quando lhe falta o capital de giro maior que até outros brasileiros poderiam ter investido na tarefa, como o próprio Pedro Calmon, como Tristão de Athayde, como Afonso Arinos, como Antônio Houaiss, como Gilberto Freyre, como Hélio Silva, além, naturalmente, de Capistrano e Garcia, se não tivessem sido confiscados para a generosidade e a urgência de outros trabalhos. Talvez um dia cheguemos lá. Pois uma coisa é certa: precisa-se de um historiador. E ainda não o temos.

Gerardo Mello Mourão é jornalista, escritor, poeta, ex-parlamentar e professor visitante da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica do Chile.

CMP J.2.2.128

é sociólogo, ex-deputado do estado de Pernambuco, eleito à Assembleia Geral Constituinte de 1946. Seu livro clássico “Casa Grande e